

REPORTAGEM

# A vida por um copo de vinho

**Um doente alcoólico não vê outra coisa à frente que não seja um copo de vinho ou mesmo a garrafa. «É uma paixão», garantem os especialistas. Esta é uma dependência que não afeta só o indivíduo, atinge também de forma dramática a família. «Esta doença rouba o pão da boca dos filhos».**

ALCOOLISMO

Marília Dantas

mariliadantas@jm-madeira.pt

O alcoolismo não escolhe sexo nem estrato social. É um flagelo que atinge muitas famílias madeirenses. Não há números exatos sobre o consumo desta droga legal, mas percorrendo as instituições e associações que dão apoio aos doentes alcoólicos e seus familiares consegue-se perceber o drama destas famílias. «Esta doença rouba o pão da boca dos filhos», garante o presidente da Associação Anti-Alcoólica da Madeira, Jaime Vasconcelos. E não só. Rouba também a saúde, rouba os afetos da família, rouba a estabilidade financeira, rouba o trabalho e muito mais. É que um consumidor de álcool só tem uma e única paixão: a bebida.

Por isso, a família é a primeira a afastar-se porque são anos de convivência difícil, anos de resistência ao tratamento e, em alguns casos, anos de violência. «Penso que 85 por cento da violência doméstica tem como causa o excesso de álcool», afirma Jaime Vasconcelos. Tanto neste caso, como no alcoolismo, «esquecemos das crianças que são as que mais sofrem com estas situações», alerta.

Deste modo, «a família tem um papel fundamental e é pena não estar mais envolvida». E há quem abra ainda mais a rede de ajuda a um doente alcoólico: os amigos. Ângela Costa defende que os amigos de pessoas que fazem desintoxicações devem ter em consideração esse facto «e tentar ajudar que a pessoa se levante». Tem o irmão internado, pela segunda vez, no Centro de Alcoolologia da Casa de Saúde São João de Deus. Já fez um trata-



*O apoio da família é fundamental para o processo de tratamento, mas nem sempre é assim. Há casos que a família se afasta.*

mento em abril, voltou a beber “meia bola” na véspera do Monte e regressou ao flagelo. Quis curar-se de novo.

A par da mãe, Ângela Costa está a viver de perto o drama do alcoolismo. «É viver em sobresalto, à espera que alguém ligue a dizer que aconteceu uma desgraça». O irmão bebia de forma moderada, mas de há dois anos a esta parte começou a fazê-lo em excesso. «Nós nem percebemos que ele tinha este problema, só quando ele me ligou a dizer que ia internar-se», confessa a irmã. Carlos Cruz vive com a ex-mulher e três filhos numa casa separada e, por isso, a mãe e a irmã não sabiam da gravidade da situação. A desestruturação familiar fez com que o homem de 32 anos se refugiasse na bebida para aliviar a ansiedade.

“

**Os amigos de pessoas que fazem desintoxicações devem ter em consideração esse facto «e tentar ajudar que a pessoa se levante».**

Mas também a influência dos amigos de infância não ajuda.

A mãe, Fátima Cruz, que vai ouvindo a conversa do filho, emociona-se de vez em quando. «Ele não se pode juntar com pessoas que tenham o mesmo problema», aconselha a mãe com uma grande preocupação pelo futuro. Para a progenitora, o principal objetivo do seu filho deve ser curar-se para ir ter com os filhos «que gostam muito dele e que pedem para vê-lo, mas a mãe deles não deixa». «Meti na cabeça que tenho de fazer o tratamento ao álcool pois isto não leva a lado nenhum», reconhece Carlos Cruz, perante nova crise de choro da mãe. «Sei que é muito doloroso». A mãe só quer que o filho ultrapasse esta dependência. «Já fui mulher de um bêbado e a gente chega ao

ponto de não suportar mais a bebida e, por isso, divorciei-me». Aproveita a oportunidade para aconselhar o filho que, para falar com a ex-mulher sobre a relação, não precisa estar alcoolizado. «Mas eu tinha de estar anestesiado», confessa. «É o drama da bebida», afirma, novamente emocionada, a mãe, Fátima Cruz.

## TRAUMAS DE INFÂNCIA

Outro rosto. O mesmo drama. Paulo Silva (nome fictício) teve uma infância em que o álcool marcou de forma negativa a sua família. Lembra-se de, em criança, estar a fugir com a mãe porque o pai estava bêbado e queria bater-lhe. «Cheguei a ver o meu pai com uma faca ao pescoço da minha mãe, vi muitas coisas que me traumatizaram, talvez por isso hoje em dia...», nem►



© Albino Encarnação

“  
A taxa de recuperação após seis meses da saída do Centro de Alcoologia é de 61,7% que se mantém nos 61,9% passado um ano.

Cada utente, tem um custo de 70 euros por dia.

chegou a acabar a frase tal era a emoção. Tal como o seu colega do Centro, já tentou parar de beber uma vez. «Faltava três dias para fazer um ano, ia até receber o diploma, mas tive uma recaída». O facto de ter ficado sem trabalho deu origem a uma depressão e não ajudou no processo de abstinência. «Bebi “meia bola” e, no espaço de um mês, vi que precisava de ajuda».

No seu caso, tem uma estrutura familiar estável e que o apoia, o que ajuda neste processo. Contudo, reconhece que,

por vezes, os amigos não são uma boa influência. «Agora, sinto-me melhor, é seguir em frente, ter fé e arranjar trabalho».

#### LOTAÇÃO ESGOTADA

Não são todos a procurar esse apoio. Uns chegam ao Centro de Alcoologia por medida judicial, por “obrigação” da família e outros há que vão por medo de perder o trabalho.

As 25 camas estão sempre ocupadas, mas não costuma haver lista de espera.

O tratamento é feito durante

quatro semanas, que o enfermeiro Sérgio Lima garante serem suficientes. É traçado um plano em que todas as lacunas do alcoolismo são trabalhadas.

A começar pelas relações. «A única relação que eles têm de bom grado é com aqueles que vão facultar a substância, ou seja, os amigos nos bares, com as famílias isso não acontece». E com um grau elevado de dependência é impossível dizer a essa pessoa: «para de imediato!». Primeiro, há que tentar que os utentes tenham vontade própria para parar de

beber e, depois, dar estratégias para se manterem abstinentes, mostrando que podem estar ocupados com atividades que gostam, como o desporto.

#### VINHO SECO A 0,25 CÊNTIMOS

ACEITAR que se tem um problema de alcoolismo é raro e difícil, simplesmente porque os efeitos devastadores que o álcool tem no corpo e na mente surgem passado algum tempo. Estão associadas 65 doenças físicas e psiquiátricas ao consumo excessivo de álcool.

A primeira razão para um indivíduo beber é simplesmente gostar de fazê-lo. «É uma relação de amor em detrimento da família, dos amigos, do trabalho e da vida e tudo passa a centrar-se única e exclusivamente no álcool», descreve o enfermeiro. Um dos primeiros trabalhos da Unidade é fazer com que o doente observe o que ganha e o que perde ao consumir. «Se o estar bem com os amigos e ser o rei da festa é superior à família, aos filhos, ao trabalho e à saúde física». Um dos obstáculos neste processo é que o álcool é uma droga legal e barata.

Nos bares, em redor do Mercado dos Lavradores, um copo de vinho seco varia entre os 0,25 e os 0,30 cêntimos. E como a graduação de álcool é baixa, vão bebendo um atrás do outro. Falando com alguns clientes, garantem que é mesmo para «matar a sede». «Não tenho o vício», asseguram. «Neste momento, há mais pessoas com drogas duras do que alcoolizadas», garante o dono do bar “Vitória”, Marcelino Pestana. Com a crise, a venda de vinho seco desceu

muito e recorda que já chegou a vender entre 80 a 120 litros de vinho por dia, sendo que 60 era apenas na hora de almoço. Isto há cinco anos. Desde há dois anos a esta parte, vende entre 10 a 30 litros por dia.

Com mais clientes ao balcão, no bar “O Bombardeiro” também houve uma diminuição na venda de vinho, mas o dono, Marcelino Santos, aponta a subida do IVA como a principal causa. Mesmo assim, garante que tem muitos clientes certos que vão até ao bar para «esquecer os problemas e matar a sede». «Deite aí um copo para fechar o dia», diz um dos clientes logo que chega ao balcão, após a jornada de trabalho. Bebe, come o seu “dentinho”, confraterniza com os amigos de balcão e vai embora. Ao canto, um dos clientes habituais vai ouvindo a conversa que vamos mantendo com o dono e vai dizendo que bebe por ser «de costume». Este cliente com quase 15 anos de “casa” afirma que já foi um grande consumidor de uísque, mas isso estava-o «matando», e agora “mata a sede” com vinho seco.

Apesar de um copo de vinho ser barato, ao fim de algum tempo, pesa no orçamento familiar. Um estudo-piloto feito o ano passado no Centro de Alcoologia deu conta que, em seis meses, 28 utentes pouparam cerca de 34 mil euros ao não consumirem bebidas. «É importante para mostrar que este vício, ao fim de um tempo, sai caro», refere o enfermeiro Sérgio Lima.

#### 12% SÃO MULHERES

Como o Centro tem o selo da

Centro de Alcoologia quer realizá-lo para breve

## Estudo ao consumo de álcool será feito na Região

O Centro de Alcoologia da Casa de Saúde de São João de Deus quer, para breve, fazer um estudo ao consumo de álcool na Região. A ideia é realizar uma cromatografia gasosa, ou seja, tirar amostras das águas residuais e analisar os hábitos de consumo ao nível de álcool. A ideia era fazer em várias alturas do ano, tal como o verão e o natal em que o consumo de bebidas alcoólicas é maior. A Unidade já tem a autorização da

Câmara Municipal do Funchal para que os técnicos façam a recolha nas Estações de Tratamento de Resíduos Sólidos, falta ultrapassar outras questões mais burocráticas.

Neste momento, não existem dados concretos sobre o consumo na Região, nem mesmo quais as zonas geográficas onde o problema é maior. Por haver mais população, é no Funchal que se concentra mais o flagelo e os homens são os mais atingi-

dos pela dependência do álcool.

Em Portugal, o consumo anual per capita de álcool por pessoas com mais de 15 anos era de 12,9 por cento, em 2010. A média europeia era de 10,9 por cento. Os dados do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências que foram lançados este ano não especificam a realidade regional, mas mostram um dado preocupante. Em ambiente escolar, 74 por cento dos jovens tinha con-

sumido álcool nos últimos 12 meses e 29 por cento chegou a ficar embriagado. «É o principal problema de saúde pública», garante o diretor clínico da Casa de Saúde São João de Deus, Luís Filipe. Para combater este flagelo a própria mentalidade das pessoas tem de mudar. Além disso, a legislação tem de ser aplicada. «Na prática, não há regulamentação, por muito boas leis que se faça, se não a estiver em prática, não valem nada», critica. JM



qualidade, os utentes são acompanhados após o tratamento, mas para segui-los mais de perto, foi introduzida uma consulta logo após o primeiro mês. Depois, estes doentes são seguidos nos centros de saúde. A média de idades dos utentes internados varia entre os 40 e os 55 anos, sendo que 12 por cento são mulheres. Como esta é uma Unidade mista, já há casamentos celebrados, um deles com 30 anos.

#### CORTAR COM O PASSADO

E se a relação entre os colegas de internamento se mantém, há também uma ligação que se cria entre utentes e técnicos. Todos os dias, por telefone ou pessoalmente, há ex-utentes e familiares a contactarem o Centro para agradecer ou fazer um ponto de situação.

O enfermeiro Sérgio Lima conta que, muitas vezes, encontra ex-utentes na rua. Uns cumprimentam, outros não. «Tenho casos de pessoas que recuperaram a família, que constituíram nova família e que deram outro rumo à vida, mesmo depois de terem sido sem-abrigo». Muitos cortaram com o passado e nem a nova família sabe dos antecedentes.

#### FAMÍLIA É FUNDAMENTAL

Mas, para que tudo corra bem num processo de tratamento, a família tem de estar empenhada e envolvida também. Por isso, todas as primeiras quartas-feiras do mês os ex-utentes e familiares são chamados para uma reunião no Centro. A sala enche. Chegam a estar presentes mais de 200



O álcool é uma droga legal e muito barata. Um copo de vinho seco custa 25 cêntimos.

“

**A OMS considera consumos sem risco abaixo dos 20g de álcool por dia.**

Junto dos jovens e meio laboral

## Mais prevenção

A Unidade Operacional de Intervenção em Competências Aditivas e Dependências (UCAD) é responsável pela prevenção do alcoolismo na Madeira. A sua intervenção passa, sobretudo, em ações destinadas às crianças, jovens e adultos em meio laboral, que já abrangeu mais de 2.700 pessoas. Mas também encaminha e informa quem procurar ajuda através do Gabinete de Atendimento ao Cidadão através do número 291 720 180 ou do mail [spt@iasaude.sras.gov-madeira.pt](mailto:spt@iasaude.sras.gov-madeira.pt).

Junto dos jovens, a UCAD tem vários projetos. O #vibesforyou-no-drugs, que é feito em parceria

com a Escola Superior São José de Cluny, tem inovado por ser feito em ambiente de festas noturnas e pelos próprios jovens. Este grupo já andou no arraial académico da Universidade da Madeira, no NOS Summer Opening e no Arraial de São Vicente. De acordo com o coordenador da UCAD, Nélson Carvalho, estas ações têm tido uma grande receptividade. Ainda relacionado com festas, a UCAD tem um outro projeto que é o "Diversão sem riscos", destinado aos estudantes finalistas, sensibilizando os jovens para os malefícios das drogas no Aeroporto antes das viagens. **JM**

# Porto Santo

## Setembro

<b>1 semana</b>
desde
201,66€*
por pessoa
De 1 a 16 Setembro 2015
<b>1 semana</b>
desde
165,66€*
por pessoa
De 17 a 30 Setembro 2015

**Contact Center: 291 210 300**  
 Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses n.º 20  
 Estrada Monumental n.º 175C

[f](#)
[in](#)
[t](#)
[p](#)
[Google play](#)
[App Store](#)

\*Válido para os períodos assinalados. Preços por pessoa para viagem ida e volta no navio Lobo Marinho e estadia em quarto duplo, para 6 noites no Hotel Praia Dourada, para o mirilmo de 2 pessoas com pequeno almoço incluído. PVC com todas as taxas incluídas

personas. «Há relatos de perdas incalculáveis em que é impossível não se emocionar», conta. Mas também há ganhos.

Há um caso que marcou o coordenador do Centro. «Há alguns anos, no Dia do Pai recebi das mãos de uma menina de nove anos uma carta endereçada ao pai, que estava internado. O pai não sabia ler. Comecei a ler, mas não consegui continuar. Outra pessoa leu e também não conseguiu. Teve de ir às mãos de uma terceira pessoa. A menina contava que todas as manhãs tinha de dar banho e de comer à mãe acamada por causa de um AVC, preparar a irmã mais nova para a escola para só então pôr-se a caminho. Na carta, pedia ao pai que ficasse bom para ajudá-la». Passados tantos anos, ele continua abstémico.

Daí que a família seja uma parte fundamental neste processo. Deste modo, a Unidade de Alcoologia começou a envolver ainda mais os elementos familiares que, em algumas situações, não querem saber. A ideia é fazer uma licença de ensaio, ao fim de semana, em que o utente vai a casa, acompanhado de um familiar, que relata tudo o que se passa: se o doente bebe ou não e como se sente. Isto faz parte de um processo de tratamento individual que é assinado por todos.

#### RECAÍDA FAZ PARTE

Para que o processo de tratamento seja eficaz, o Centro conta com vários parceiros. Além do

Serviço Regional de Saúde, tem também o apoio da Associação Anti-Alcoólica da Madeira que, além de encaminhar doentes para a Unidade, ainda acompanha-os pela vida fora, nas várias reuniões de entre-ajuda que vai realizando.

«Não há cura para as drogas e a recaída faz parte do processo de reabilitação», garante Jaime Vasconcelos, que está à frente da Associação há quase 36 anos. As reuniões ajudam no processo e a família que tem de estar sensibilizada para, por exemplo, não usar vinagre em casa, não fazer assados com vinho e a retirar, num prazo de dois anos, as bebidas que estão expostas em casa. «As dependências provocam ansiedade e as recaídas podem acontecer. Tenho casos de recaídas com 15 anos de abstinência», conta.

#### DA BRINCADEIRA AO DRAMA

Foi nestes altos e baixos que viveram Manuel Marinho e António Gonçalves. Têm em comum que começaram a beber cedo e que passaram por muito para estarem abstémicos. Manuel está sem beber há 16 meses e António há 21 anos. Com o apoio das reuniões da Associação e com as consultas de psicologia dos centros de saúde têm conseguido ultrapassar esta luta diária. «No princípio começa por uma brincadeira de amigos, depois é a valer», recorda Manuel Marinho, que nasceu em Lisboa. Por causa do álcool, viveu na rua aos 20 anos. Chegou a fazer

“  
Quando consumia não tinha amor por ninguém, era só pelo vinho, tinha só amor à garrafa e chegava a não dormir só a pensar nos bares que ia passar para beber, afirma Manuel Marinho.



três tratamentos de desintoxicação e esteve 13 anos sem beber. Depois, em 2005 regressou ao consumo. «Nesta altura perdi a família por causa do álcool». «Chegou a passar pela minha cabeça matar a minha ex-mulher», confessa. «Quando consumia não tinha amor por ninguém, era só pelo vinho, tinha só amor à garrafa e chegava a não dormir só a pensar nos bares que ia passar para beber». Como era de Lisboa, percebeu que para se refugiar o alcoolismo tinha de mudar de área e por isso decidiu vir para a Madeira, onde está há seis anos.

Mas aqui também teve altos e baixos. «Depois da recaída é muito difícil», reconhece. «O senhor Jaime ajudou-me quatro vezes e na quinta vez já fui para a enfermaria. Aí, tive de dizer para comigo, basta!». Recuperou a companhia e agora tem contado a sua história nas reuniões mensais que a Associação tem pela ilha.

O mesmo acontece com António Gonçalves, que já esteve muito mal por causa da bebida. Foi quando começou a sentir a sua saúde cada vez mais frágil que percebeu que tinha de parar. Perdeu o trabalho e a relação ia pelo mesmo caminho. Essa conseguiu salvar. Fez o tratamento e tem conseguido manter-se sóbrio. «Sem reuniões não se vai a lado nenhum», reconhece António Gonçalves, atribuindo o mérito do seu sucesso a Jaime Vasconcelos. JM

Está à frente da Associação Anti-Alcoólica da Madeira há 36 anos

## Jaime Vasconcelos é o rosto da ajuda aos doentes



Está à frente da Associação Anti-Alcoólica da Madeira há 36 anos, o mesmo tempo que está sóbrio. Jaime Vasconcelos já encaminhou muitas pessoas para fazer tratamento de desintoxicação e a manterem-se longe do álcool, através das reuniões de entre-ajuda. Ele próprio tem uma história dramática e de luta diária em relação ao álcool. Bebeu durante muitos anos e o corpo ressentiu-se. Esteve internado seis vezes e em coma outras tantas. Após a abertura do Centro de Alcoologia, na Casa de Saúde São João de Deus, con-

seguiu vencer. Depois disso, já passou por muito: viu partir quatro filhos, um deles recentemente, com 52 anos, por causa do alcoolismo. «Outro também está no mau caminho e não foi por não ter tido apoio», confessa. Jaime Vasconcelos lamenta que os filhos tenham visto o exemplo, quando eram crianças. Por isso, tem feito de tudo para ajudar o maior número de famílias e também crianças.

São poucas as pessoas que ligam para o número fixo da Associação, grande parte das pessoas recorre ao número de tele-

móvel de Jaime Vasconcelos, que está sempre disponível para apoiar. É o 919914236. A média é de um pedido de ajuda por dia. A Associação não promove apenas reuniões mensais. Jaime Vasconcelos ajuda ainda as famílias com roupa, comida e até mobilidade.

Todos os meses, fazem reuniões em Câmara de Lobos, no Estreito de Câmara de Lobos, Ponta do Sol, Ribeira Brava, Salão Paroquial de São Roque e Calheta. Querem fundar uma reunião em Machico. A sede localizada no Bairro da Nazaré

tem ao lado um bar e, por isso, os encontros decorrem no Centro de Saúde. Todavia, como todos se conhecem, só aparecem dois. Ainda há muito estigma e o apontar do dedo. «Vão para a reunião dos bêbados», dizem. Há que mudar mentalidades, alerta.

Jaime Vasconcelos que é um “filho” da Casa de Saúde só lamenta que os tratamentos não tenham mais disciplina. «A disciplina faz parte da reabilitação da pessoa» e eles, por vezes, pensam que «vão para um hotel cinco estrelas». Isso não pode ser, remata. JM